18º ENPESS
Encontro Nacional de Pesquisadoras e Pesquisadores em Serviço Social
10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Eixo temático: Serviço Social, geração e classes sociais

Sub-eixo: Envelhecimento

GÊNERO, RAÇA/ETNIA E ENVELHECIMENTO: MULHERES NEGRAS IDOSAS

ILKA CUSTODIO DE OLIVEIRA[1]
DAYANE BASÍLIO BORGES[2]
PATRICIA PILAR MARICÁ CARNEIRO[3]
TATIANA FERREIRA VIETAS[4]

RESUMO:

O presente artigo aborda a situação da mulher idosa negra no Brasil como uma faceta da questão social e objeto de estudo e de intervenção do Serviço Social. O texto sintetiza reflexões desenvolvidas no âmbito dos trabalhos do Núcleo e Estudos Ivone Lara, vinculado à Faculdade Paulista de Serviço Social – FAPSS. A abordagem dessa problemática é altamente relevante no contexto socioeconômico e cultural brasileiro, marcado por imensas desigualdades de classe, gênero e raça/etnia. Trata-se de um estudo de natureza exploratória e de delineamentos bibliográfico e documental. Sua realização investigar as inúmeras assimetrias que caracterizam a vida das mulheres idosas e especialmente das negras idosas e pobres. Ao longo de suas vidas, elas são vítimas de racismo estrutural e institucional, resultando na restrição de oportunidades de formação educacional, de inserção no mercado de trabalho e inclusive de acesso a serviços das políticas públicas. Devido a diversas causas sociais, a maioria dessas mulheres idosas negras reside nas periferias, o que contribui para a perpetuação das desigualdades sociais e para a invisibilidade das violências sofridas principalmente no seio da vida familiar. A questão requer uma maior efetividade das legislações protetivas e a intervenção por meio de políticas públicas.

Palavras-chave: Envelhecimento, gênero, patriarcado, racismo, violência doméstica.

[1] Empresa Teresinense de Desenvolvimento Urbano ETURB
[2] Secretaria de Segurança Pública do Estado do Piauí SSPPI
[3] Empresa Teresinense de Desenvolvimento Urbano ETURB
[4] Primum Faculdade

ISSN 2965-2499

ABSTRACT:

This paper deals with the situation of the elderly black woman in Brazil as a facet of the social issue and the subject of the Social Service. The text synthesizes reflections developed within the framework of the work of the Ivone Lara Nucleo and Studies, linked to the Paulista Faculty of Social Service – FAPSS. The approach to this problem is highly relevant in the Brazilian socio-economic and cultural context, marked by immense inequalities of class, gender and race/ethnicity. It is a study of an exploratory nature and of bibliographic and documentary delineations. Its realization investigate the numerous asymmetries that characterize the lives of older women and especially of older and poor black women. Thro their lives, they are victims of structural and institutional racism, resulting in restricted opportunities for educational training, entry into the labour market and even access to public policy services. Due to various social causes, the majority of these older black women reside in the periphery, which contributes to the perpetuation of social inequalities and to the invisibility of violence suffered mainly within family life. This requires greater effectiveness of protective legislation and intervention through public policies.

Keywords: Ageing, gender, patriarchy, racism, domestic violence.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo consiste em uma síntese reflexiva de um dos temas trabalhados no Núcleo de Estudos sobre Envelhecimento e Serviço Social, da Faculdade Paulista de Serviço Social (FAPSS), coordenado pela Profa. Dra. Ilka Custódio de Oliveira.

A gênese do núcleo remonta a 2018, quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicou o relatório de um importante estudo demográfico. A pesquisa indicava que a população brasileira atravessa uma fase de importante transformação de sua estrutura etária. As estatísticas apontam que, até 2060, o grupo de pessoas com 60 anos ou mais deverá exceder o de crianças. Portanto, em um intervalo de tempo relativamente breve, a população de idosos ganhará consideráveis proporções, simultaneamente à notável redução da população economicamente ativa (PEA). Essa transformação poderá afetar negativamente as políticas públicas, principal campo de atuação do assistente social. À época de sua divulgação, a grande imprensa repercutiu o assunto de diferentes maneiras, alternando entre visões otimistas e previsões sombrias sobre o futuro.

ISSN 2965-2499

Nesse contexto, a Profa. Ilka propôs ao corpo docente a realização de um simpósio sobre o processo de envelhecimento. Uma vez aceita a proposta, os alunos foram convidados a integrar a comissão organizadora do evento. A atividade atraiu o número surpreendente de 53 alunos.

No âmbito dessa iniciativa, eram promovidos encontros semanais com o intuito de estimular alunos a participarem da comissão organizadora do evento. As primeiras discussões se concentraram nas especificidades do envelhecimento no contexto sociocultural brasileiro, mirando a superação de estereótipos e estigmas, como as imagens negativas de sofrimento, vulnerabilidade e invalidez usualmente associadas à velhice.

A comissão definiu a temática da violência como eixo central do simpósio. Assim, o evento se desenvolveu com reflexões acerca da população envelhecida na cidade de São Paulo e sobre o trabalho dos assistentes sociais nos serviços dedicados a esse segmento populacional, tanto nas atividades de prevenção quanto de atendimento nos incidentes de violência.

Após o evento, os alunos envolvidos na comissão organizadora expressaram o interesse em manter as discussões sobre o tema, posto que, na ocasião, o currículo da graduação não incluía nenhuma disciplina sobre a questão do envelhecimento.[5]

Assim, a Profa. Ilka propôs à coordenação do curso a formação de um núcleo de estudos sobre envelhecimento. As atividades foram formalmente iniciadas no primeiro semestre de 2019, com encontros regulares que se sucedem até o momento atual.

Desde seu surgimento, o núcleo de envelhecimento e Serviço Social buscou se tornar um espaço de aprofundamento teórico, no qual o processo de envelhecimento é concebido como uma das manifestações da questão social, constituindo-se, portanto, área de pesquisa acadêmica e de trabalho profissional do assistente social.

O primeiro tema estudado foi “Envelhecimento com dependência para as atividades cotidianas”[6]. Na ocasião, a faculdade mantinha um convênio com uma instituição prestadora de serviços na área da assistência social, a qual servia campo de estágio. Em contrapartida, essa organização

[5] Atualmente, há uma disciplina sobre o envelhecimento no 8º e último período da matriz curricular do curso de Serviço Social.

[6] O estudo foi norteado pelo clássico livro “Envelhecimento com dependência: revelando cuidadores”, organizado pela Profa. Dra. Úrsula Margarida Simon Karsch (1938-2017). A obra nos permitiu entender que o “cuidar” de pessoas idosas dependentes, especialmente quando realizado no espaço privado familiar, costuma tornar-se mais uma atribuição feminina, contribuindo para a reprodução social de homens e mulheres, de relações assimétricas e desiguais entre gêneros.

ISSN 2965-2499

ofertava atividades de formação para os trabalhadores da instituição. A coordenadora do núcleo promoveu a oficina intitulada “O envelhecimento nosso de cada dia”, que contou com a participação das alunas/os do núcleo, especialmente aqueles interessados em estudar a temática em seus projetos de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Parte significativa dos membros do núcleo realizava estágio supervisionado na instituição conveniada, especialmente com a população em situação de rua. Os questionamentos e angústias da/os alunas/os nortearam a escolha do tema do semestre seguinte (2º. semestre de 2019): “A população idosa em situação de rua”. O crescimento do número de pessoas idosas ocorre concomitantemente ao aumento de idosos em situação de rua[7], o que reforça o principal de investigação do grupo, qual seja a compreensão de que a velhice é mais uma fase na qual a classe trabalhadora sofre as consequências da desigualdade social.

Concomitantemente, houve a organização e realização do II Simpósio de Envelhecimento e Serviço Social da FAPSS, com o tema “Os desafios contemporâneos das políticas públicas para o atendimento das pessoas idosas na cidade de São Paulo: entre desmontes e resistências”. O evento contou com uma reflexão especial sobre o desamparo do Estado às pessoas idosas LGBTIQIA+, especialmente quando necessitam de instituição de longa permanência.

Comumente, os estudos sobre envelhecimento seguem diretrizes heteronormativas, não abarcando, portanto, o caso de pessoas idosas LGBTIQIA+. Por isso, foi difícil encontrar material de referência. No entanto, o pouco conteúdo encontrado trouxe revelações estarrecedoras sobre as diversas formas de violência a que esse público se expõe regularmente. A situação é notadamente desoladora nos muitos casos em que os idosos não contam com os cuidados de familiares. Convém reforçar que, para esse grupo, é muito comum ocorrer o rompimento dos vínculos dos familiares ainda na adolescência. Um exemplo de violência é o retorno ao nome e vestimenta masculinos, mesmo após uma vida com identificação e vivência femininas. Tais questões nortearam a escolha dos temas do núcleo para o ano de 2020. Assim, no primeiro semestre, o foco recaiu sobre o tema “Instituições de longa permanência para pessoas idosas” e, no segundo, sobre “diversidade sexual e envelhecimento”.

No cenário da pandemia de Covid-19, o núcleo adotou os encontros remotos. Esse foi o período de maior oscilação na participação das/os alunas/as, como consequência óbvia de uma série de

[7] Segundo o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), no período de 2012 a 2020, houve um aumento de 140% no número de pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo. (NATALINO, 2020).

adversidades, como a instabilidade do acesso à internet e diversas demandas familiares e profissionais, como não adesão de muitas atividades econômicas às medidas de distanciamento social e/ou súbita redução da renda familiar, além de infortúnios como adoecimento e mortes.

Não obstante, mesmo de forma remota, realizou-se nesse período o III Simpósio de Envelhecimento e Serviço Social da FAPSS[8], sob o tema "Estratégias para a promoção da autonomia e a prevenção da violência contra a pessoa idosa na atenção básica do SUAS - Sistema Único de Assistência Social". Devido às dificuldades do período pandêmico, a comissão de organização do simpósio não contou com a participação das/os alunas/os. O evento ficou exclusivamente aos cuidados da Profa. Ilka, que buscou parceria com a coordenação do curso de pós-graduação *lato sensu* em Gerontologia, promovido pela mesma instituição mantenedora da FAPSS. No entanto, essa parceria não teve continuidade devido às divergências teóricas de compreensão do processo de envelhecimento. No núcleo Ivone Lara, o processo é compreendido na relação com as categorias classe, gênero e raça/etnia, tendo em vista que essas mesmas categorias determinam a forma da classe trabalhadora viver a vida como um todo, inclusive a fase da velhice. "É a classe trabalhadora protagonista da tragédia do envelhecimento". (TEIXEIRA, 2008, p. 30).

No ano de 2021, os encontros do núcleo, assim como as atividades acadêmicas, prosseguiram na forma virtual, e os dilemas da pandemia nortearam a escolha do tema "Cuidado e envelhecimento", especialmente no tocante aos cuidados ofertados pela política de assistência social, espaço de maior inserção das/os alunas/os no campo de estágio. As discussões foram norteadas pelo excelente TCC elaborado pela assistente social e então aluna da instituição, Elaine Vargas Castro, membra do núcleo desde o seu surgimento.

> As políticas públicas representam o cuidado na dimensão pública estatal (...). As políticas residuais, focalizadas e desarticuladas, acabam por referenciar a família como o principal núcleo de proteção (...). Isso é bastante complicado, pois grande parte das famílias trabalhadoras encontram-se desprotegidas e sem condições de atender o que lhe é imposto pela ausência do Estado na oferta de políticas robustas e articuladas entre si. (CASTRO, 2022, p. 4).

No segundo semestre daquele ano, surgiu a necessidade de designar um nome para o núcleo. No primeiro consenso alcançado, foi sugerida uma denominação que homenageasse uma mulher idosa. As reuniões foram organizadas para que os participantes propusessem nomes e

[8] Esse foi o último simpósio realizado pelo núcleo em virtude do corte de recursos (financeiros, materiais e humanos) para a realização de atividades como essa, promovido pelas empresas mantenedoras da faculdade.

ISSN 2965-2499

compartilhassem as histórias de diversas mulheres[9], o que ensejou importantes discussões sobre conceitos e questões concernentes ao tema envelhecimento. Essa dinâmica possibilitou a primeira abordagem da temática "Gênero e envelhecimento", tópico bastante instigante que emergiria posteriormente como o eixo central das discussões de um semestre.

Dentre todas as histórias apresentadas, a de Ivone Lara arrebatou a todas/os e ganhou nossa homenagem. Yvonne Lara da Costa (1921-2018), cantora, compositora, terapeuta ocupacional e assistente social, foi uma das primeiras assistentes sociais negras do país. D. Ivone Lara é o símbolo da imbricação das categorias classe, gênero e raça/etnia.

> Dona Ivone Lara agregava em sua trajetória dois legados: 1) da resistência negra do Rio de Janeiro (...) 2) inserção das mulheres no mercado de trabalho sob o lastro da dominação burguesa. (...) Convivia com negros, brancos, com pessoas de elevada formação escolar ou gente sem qualquer estudo (...). Até aposentadoria, ela se apresentava às pessoas como 'Yvonne Lara, assistente social'". (SCHEFFER, 2016, p. 487-8).

O ano de 2022 foi marcado pela retomada dos encontros presenciais. No primeiro semestre, optou-se pelos estudos e reflexões sobre o Estatuto da Pessoa Idosa (Lei 10.741/2003), que sempre figurou nas discussões do núcleo, mas que, na ocasião, ganhou aprofundamento artigo por artigo. A essa altura, a matriz curricular do curso de graduação em Serviço Social da FAPSS já contava com a disciplina Envelhecimento. O Estatuto da Pessoa Idosa prevê a inclusão de conteúdos voltados a essa temática[10].

Já no segundo semestre de 2022, optou-se pelo tema "Envelhecimento retratado na arte", o que propiciou a discussão acerca preconceitos, estereótipos e mitos relacionados à velhice e ao universo das pessoas idosas. Nesse sentido, vale destacar a análise realizada sobre o conto "O enfermeiro" (1886), de Machado de Assis, e sobre o curta-metragem inspirado nessa obra. Ambos abordam estereótipos habitualmente associados à velhice, como o mau humor e tendência ao comportamento de implicância, além de questões ligadas à necessidade de cuidados de pessoas idosas nas atividades cotidianas e ao papel de cuidador. Apesar de serem objeto de discussão em diversas oportunidades, devido a sua complexidade e atualidade, esses assuntos são sempre revisitados.

---

[9] Muitas foram as ideias levantadas e discutidas, dentre elas: Luiza Erundina, figura significativa para a categoria e para a política institucional brasileira, atualmente com 89 anos; Clara Charf, militante comunista e ativista pelos direitos das mulheres, atualmente com 99 anos; e Carolina Maria de Jesus, escritora, cuja vida se estendeu de 1914-1977).

[10] Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal, serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização da pessoa, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria. (BRASIL, 2003).

ISSN 2965-2499

No início de 2023, os noticiários paulistanos destacaram o aumento da população em situação de rua ocorrido durante e após o período pandêmico. O fenômeno foi interpretado sob diferentes óticas, ora como uma mazela do atual estágio da sociedade capitalista, questão que requer intervenção por meio de políticas públicas, ora como um problema ligado à criminalidade ou à dependência química, problema passível de medidas repressivas na área da segurança pública.

Nessa fase, o núcleo já se encontrava consolidado como um espaço de estudo e produção de conhecimento sobre a questão envelhecimento. O principal campo de estágio das/os alunas/os continuava a ser os serviços da política de assistência social de atendimento à população em situação de rua. O núcleo novamente se voltava especificamente para o envelhecimento nas ruas da maior metrópole do país.

> Se a riqueza socialmente produzida é apropriada por poucos, mesmo em uma cidade rica como São Paulo, torna-se possível que pessoas vivam sua velhice invisíveis nas ruas (...). Há uma lacuna na legislação e na oferta de políticas de cuidado efetivas para as pessoas que envelhecem em situação de rua e trazem um histórico permeado pela negação de acessos a bens e serviços. (CASTRO: 2022, p. 12-13).

Mas, aqui Elaine Castro já não era a única ex-aluna a compor o núcleo, o que demonstra, no mínimo, o reconhecimento do grupo como espaço sério de estudo e produção de conhecimento sobre a questão do envelhecimento.

Para o 2º semestre de 2023, optou-se pelo tema “Gênero e envelhecimento”. Primeiramente, com o ingresso de novas/os participantes, o grupo elaborou um glossário dos principais termos utilizados nos estudos acerca do assunto. Posteriormente, as reflexões se direcionaram a uma segunda temática: a menopausa, considerada um marco social do início do envelhecimento feminino, embora essa etapa da vida preceda o 60º aniversário.

No ano de 2023, o núcleo seguiu suas atividades, estudando o tema “Violência contra a pessoa idosa”, a partir de peças publicitárias produzidas em razão do Dia Mundial de Conscientização sobre a Violência contra a Pessoa Idosa, celebrado no dia 15 de junho. Tal data foi instituída pela Organização das Nações Unidas (ONU) com o propósito de trazer à luz a questão da violência contra a pessoa idosa, bem como divulgar formas de denunciá-la e combatê-la.

As atividades semestrais do núcleo foram encerradas com um sarau, apresentando uma intervenção cultural de sensibilização de alunas/os e professoras/es sobre o tema trabalhado.

2 DESENVOLVIMENTO

ISSN 2965-2499

A transversalidade da categoria "gênero" nos estudos do Núcleo Ivone Lara

Apresentar, mesmo que brevemente, a história do Núcleo de Estudos de Envelhecimento e Serviço Social "Ivone Lara" permite-nos afirmar que, desde o início das atividades, a categoria analítica "gênero" já tangenciava as reflexões do grupo.

Logo no primeiro tema estudado – "Envelhecimento e dependência para as atividades cotidianas" –, deparamo-nos com a constatação de que as mulheres representam a maioria dos cuidadores de pessoas idosas. Esse fato não apenas ilustra, mas também reforça a naturalização do gênero feminino nas tarefas domésticas e de cuidado. A manutenção da família e de seus membros tem sido tradicionalmente um papel atribuído ao gênero feminino. Quanto maior o cuidado demandado pela pessoa idosa, maior também é a permanência da cuidadora no espaço doméstico. Essa tônica continua a contribuir decisivamente para reforçar a divisão espacial de gênero socialmente validada pelo capitalismo, a qual vincula a mulher ao espaço privado e o homem ao espaço público.

Destarte, a função de cuidar de pessoas idosas dependentes recai predominantemente sobre esposas, filhas, noras e netas, configurando-se como uma obrigação dentro da dinâmica familiar. Essa incumbência não surge da vontade própria, mas como uma responsabilidade assumida "naturalmente" por figuras do gênero feminino. Tal situação reforça a hierarquia do lar e o exercício do poder, valor que se resume popularmente na frase: "Da porta da rua para dentro, quem manda é a mulher".

Com efeito, já no primeiro semestre do núcleo, entendemos que a realização do cuidado para pessoas idosas está imbuída de uma relação de gênero que subalterniza as mulheres. Partindo do interior das famílias, é reproduzida a estrutura de poder que se generaliza para toda a sociedade.

Ao estudarmos o envelhecimento na comunidade LGBTQIA+, esbarramos novamente com a categoria "gênero". Embora seja uma temática relacionada à diversidade sexual, a gerontologia social costuma enfatizar quase que exclusivamente o envelhecimento heterossexual e cisgênero. No máximo, são consideradas as vivências homossexuais masculinas, ainda assim sob a perspectiva do estigma associado tanto à velhice quanto à homossexualidade, relegando todo o restante da população LBTQIA+ a uma invisibilidade teórica que traduz a invisibilidade social. Assim, uma vez mais, o gênero masculino assegura aos homens certos privilégios.

ISSN 2965-2499

No quinto semestre de existência do núcleo, ao estudarmos o tópico “Cuidado e envelhecimento”, no foco nos cuidados proporcionados pela política de assistência social, deparamo-nos com um tema permeado pela categoria “gênero”. Isso porque o Estado neoliberal, ao reduzir a quantidade e rebaixar a qualidade dos serviços públicos, tornando-os insuficientes para todas as faixas etárias, sobrecarrega o papel da família na oferta de cuidados a todos os seus membros e especialmente às pessoas idosas. Isso, como já sabemos, atinge diretamente as mulheres. Essa realidade reflete a própria natureza do sistema capitalista, sempre bem representado pelo Estado neoliberal, que destina “naturalmente” à mulher os trabalhos de cuidados demandados na esfera doméstica e privada, sem a contrapartida de uma remuneração.

O processo de escolha do nome do núcleo foi mais uma oportunidade para refletir sobre a questão de envelhecimento e gênero, somada a categoria raça/etnia. Sistematicamente, mulheres negras idosas enfrentam mais dificuldades que as brancas. Ao longo de suas vidas, o racismo estrutural resulta em restrições de oportunidades de formação educacional, dificuldades de inserção do mercado de trabalho e empregos com salários menores (os dois últimos aspectos também se aplicam aos homens negros). Além disso, o racismo afeta a qualidade dos diversos serviços das políticas públicas oferecidos a esse grupo, manifestando-se, assim, o chamado racismo institucional. Devido a esses e outros fatores, a maioria dessas mulheres reside nas periferias, o que concorre para retroalimentar as desigualdades sociais. Por isso, nesses tempos sombrios do capitalismo neoliberal, em que se alicerça a barbárie, é possível dizer que as mulheres negras representam o símbolo mais emblemático de resistência da classe trabalhadora. Nossa homenageada, D. Ivone Lara, é a personificação de tudo isso, tendo sido ela, inclusive, uma assistente social.

Quando o Núcleo se debruçou sobre o tema população em situação de rua, o número de mulheres idosas[11] era menor que outras faixas etárias; porém, as ruas são mais hostis com elas, assim como com a população LGBTQIA+ e as pessoas com deficiência, já que precisam se submeter aos homens com os quais dividem os logradouros. Estão, portanto, mais expostas à violência sexual e às agressões de policiais. (CASTRO, 2022).

[11] Nos dados do censo da população em situação de rua, realizado pela Prefeitura da Cidade de São Paulo, tínhamos um total de 24.344 pessoas sem moradia, sendo 11.693 acolhidos e 12.651 vivendo nas ruas. Desses, 85% eram homens e 15%, mulheres; dos quais 13% estavam com 60 anos ou mais (SÃO PAULO, 2019).

ISSN 2965-2499

Esmiuçar o Estatuto da Pessoa Idosa na perspectiva de intersecção das categorias gênero e raça/etnia contribuiu para maturar a compreensão de que o princípio da equidade deve ser perseguido em todos os serviços que atendem à população idosa, pois as mulheres negras com mais de sessenta anos, quando não permanecem inseridas no mercado de trabalho, geralmente permanecem em casa cuidando de outros membros da família, como, por exemplo, de crianças e adolescentes.

Por fim, ao examinarmos o tema da violência contra a pessoa idosa, deparamo-nos com outra questão de relevo: a violência doméstica. Nesse contexto, a incluir as categorias gênero e raça/etnia, chegamos à compreensão de que as mulheres negras idosas são as maiores vítimas. Porém, elas são, antes de tudo, invisíveis nos registros oficiais sobre esse tipo de violência, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Isso se deve à invisibilidade que enfrentaram em fases anteriores da vida, fruto do patriarcado e do racismo estrutural. Assim sendo, a pesquisa sobre a relação entre envelhecimento, gênero e raça/etnia se torna ainda mais instigante, relevante e urgente.

O processo de envelhecimento no Brasil e em São Paulo

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), é considerada idosa a população na faixa dos 65 anos ou mais nos países de capitalismo avançado, e de 60 anos ou mais, nos países em desenvolvimento. No Brasil, o Estatuto da Pessoa Idosa, Lei Federal 10.741/2003, de 1º de outubro de 2003, foi instituído com o objetivo de regular os interesses e as garantias das pessoas com 60 anos ou mais.

O processo de envelhecimento no Brasil é muito complexo e heterogêneo e se configura como uma das expressões da questão social, uma vez que acirra a vivência das desigualdades sociais já experimentadas pelas pessoas ao longo da vida. Ricos e pobres não envelhecem da mesma forma, assim como homens e mulheres, brancas/os e negras/os. Por isso, as categorias classe, gênero e raça/etnia são tão importantes para a compreensão do processo de envelhecimento no país.

ISSN 2965-2499

De acordo com o Censo Demográfico de 2022, realizado pelo IBGE, de uma população total de 203 milhões, 15,8%[12] (cerca de 32,1 milhões) são pessoas idosas, dentre as quais 47,7% (aproximadamente 15,3 milhões) são pessoas negras.

Segundo a mesma fonte, no Estado de São Paulo – que nos interessa particularmente devido à localização da instituição educacional à qual o núcleo Ivone Lara está vinculado –, a população idosa representa 17,7% do total da população e já supera o percentual de crianças (17,1%). Esse grupo também é maior que a faixa etária de 15 a 24 anos (13,6%), ficando aquém somente da população adulta (51,6%).

No município de São Paulo, as mulheres são maioria entre as pessoas idosas: 1.209.107 (cerca de 60%) contra 813.953 homens; ou seja, há um excedente de aproximadamente 400 mil mulheres na faixa etária de 60+. A faixa etária mais expressiva é a de 65 a 69 anos (7,9 milhões). Já a faixa com 80 anos ou mais soma 4,6 milhões.

Se já estamos convencidos de que o processo de envelhecimento brasileiro diz respeito à condição de milhões de pessoas; no entanto, não é o número por si só que faz desse fenômeno uma face da questão social, mas sim o fato de que vir acompanhado da questão da pobreza.

Os dados do censo de 2022 revelam ainda que o analfabetismo entre a população de 60 anos ou mais era de 16%, o que representa uma retração de 2% em comparação a 2019. Considerando o quesito raça/cor, o analfabetismo entre os brancos alcançou 9,3%, enquanto entre pretos e pardos esse número é de 23,3%. Observando o quesito sexo, as mulheres analfabetas representavam 16,3%, ao passo que entre os homens esse indicador é 15,7%. Nota-se, portanto, que a população idosa negra é muito mais afetada pelo analfabetismo do que a população branca, e os homens mais do que as mulheres. Ao longo dos anos, essa triste realidade certamente impactou negativamente a inserção no mercado de trabalho e a renda salarial desse grupo de pessoas.

Em 2020, a FGV Social, centro de estudo e pesquisa social da Fundação Getúlio Vargas, publicou um estudo sobre a população idosa brasileira, a partir de dados do IBGE de 2018. No tocante a fontes de renda, a pesquisa indica que os rendimentos de 59,64% das pessoas idosas advinham de aposentadorias da Previdência Social, 40,78%, do BPC (Benefício de Prestação Continuada), da LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social), cujo valor mensal não ultrapassa um salário

[12] A mesma fonte, IBGE (2022), nos traz que em 1940 a porcentagem de pessoas idosas era 4%; 1990, 7%; 2000, 8,4% e, 2010, 10%, o que nos permite dizer tratar-se de um crescimento acelerado, já que países como Alemanha e França, demoraram um século para dobrar a quantidade de pessoas idosas.

ISSN 2965-2499

mínimo, e, por fim, apenas 0,89% era oriunda de PTR (Programas de Transferência de Renda), como, por exemplo, o Bolsa Família cujos benefícios mensais não chegam a um salário mínimo.

Com relação à posse de bens e ativos, as pessoas idosas eram 13,17% dos que possuíam casa própria em terreno próprio. No que tange à falta de acesso à internet, os idosos eram 22,47% dos brasileiros/as. Ademais, o grupo representava 12% dos que possuíam aparelho de TV e 10,22% dos que tinham canais por assinatura. Esse quadro indica, portanto, se tratar de um segmento populacional pobre.

No âmbito do trabalho doméstico e de cuidados não remunerados, o censo de 2022 indica que 22% das mulheres idosas executavam esse tipo de trabalho, ao passo que os homens idosos somavam 13,7%. A população idosa dedicava mais tempo ao trabalho doméstico (19 horas) do que a de não idosos (16,6 horas). Isso nos permite aventar que o envelhecimento leva as pessoas idosas, principalmente as mulheres, a permanecerem mais horas no âmbito doméstico e familiar, o que, por sua vez, deve concorrer para aumento do risco de ocorrência de violência doméstica.

Enfim, os dados aqui apresentados confirmam o acelerado e desigual processo de envelhecimento da população, com destaque para a feminização, o que o caracteriza como um fenômeno heterogêneo.

Mulheres idosas, mulheres negras idosas

Mulheres negras enfrentam desafios muito significativos no processo de envelhecimento, que, por óbvio, não surge apenas quando elas completam 60 anos, porquanto se trata de um problema que carregam desde a sua juventude. Isso porque vivemos em um sistema econômico e social que, além de marginalizá-las racialmente, também as subordina dentro de estruturas patriarcais, impondo estereótipos e limitações que vão se intensificando com o decorrer da vida.

O patriarcado é uma estrutura social e política de poder e autoridade que perpetua a dominação masculina, oprimindo e marginalizando as mulheres nas diversas dimensões da vida (familiar, laborativa, religiosa, política, etc.). Quando imbricado com o racismo, esse sistema subjuga ainda mais mulheres negras.

Na Europa ocidental, donde predominantemente vem a epistemologia que rege a profissão do serviço social, o patriarcado moderno se originou na Idade Média, com a ascensão das sociedades agrícolas e a divisão sexual do trabalho, tendo ampla legitimação da Igreja Católica,

que forjou aos homens assumirem papéis de liderança na vida familiar, econômica e religiosa, relegando às mulheres funções domésticas e reprodutivas. Ao longo do tempo, o patriarcado consolidou a autoridade masculina e a subordinação feminina, a ponto de naturalizar e perpetuar as desigualdades de gênero. No Brasil, o patriarcado está presente desde a chegada dos portugueses e, até o presente, segue legitimando as desigualdades de gênero nas diversas áreas da vida social (familiar, econômica, cultural, religiosa, científica etc.).

O tripé estrutural da desigualdade sofrida pelas mulheres consiste no imbricamento entre capitalismo, patriarcado e racismo. Os limites óbvios de um artigo não nos permitem uma ampla explanação sobre as categorias que compõem cada um deles, mas podemos afirmar que as mulheres negras são as que enfrentam as desigualdades cotidianas oriundas desse imbricamento.

As estruturas patriarcais, somadas aos princípios capitalistas e ao processo de envelhecimento, coadunam com a valorização da associação entre o universo masculino e a juventude, porque idade é um aspecto constantemente associado à perda de valor social[13]. Tal cenário é ainda mais perverso para as mulheres marginalizadas pelo sistema econômico ao longo de toda a sua vida em função do gênero e do pertencimento racial. Isso, no limite, relega as negras idosas à invisibilidade social[14], seja pela negação de oportunidades de permanência no mercado de trabalho, acesso adequado aos serviços sociais, desvalorização de suas experiências e conhecimentos e/ou a participação ativa na esfera pública.

> (...) as mulheres negras, além de estarem em menor número no mercado de trabalho (2.987.559 vínculos, 16,9% do total), são as que têm renda mais desigual. Enquanto a remuneração média da mulher negra é de R$ 3.040,89, correspondendo a 68% da média, a dos homens não-negros é de R$ 5.718,40 — 27,9% superior à média. Elas ganham 66,7% da remuneração das mulheres não negras. (Ministério do Trabalho e Emprego, 2022).

Devido a esse processo, as mulheres negras idosas têm o risco de pobreza aumentado em relação às mulheres brancas da mesma faixa etária e ficam relegadas ao ambiente doméstico,

[13] A título de ilustração podemos citar as representações na televisão de personagens femininas negras idosas que raramente são protagonistas, e em sua maioria, são empregadas domésticas, avós solitárias e catadoras de materiais recicláveis.

[14] A invisibilidade social está diretamente vinculada à importância que o grupo social tem para o sistema econômico, mas não na proporção que o sistema se apropria da sua força de trabalho e sim, do destaque que o grupo recebe quanto as funções que executa no aparelho econômicos, como por exemplo as empregadas domésticas, bem como a ausência de inserção no mercado de trabalho, como no caso da população em situação de rua. A invisibilidade social traz a ideia de que tais pessoas, mediante o desprestígio no mercado de trabalho, perdem também o prestígio como seres humanos, se tornando “coisas desvalorizadas” (OLIVEIRA, 2016).

sendo, portanto, potenciais vítimas da violência doméstica[15]. Aqui, temos um exemplo da invisibilidade social das mulheres negras idosas evidenciada pela escassez de informações disponíveis sobre as vítimas desse tipo de violência. Segundo Oliveira (2016), isso ocorre porque essas mulheres vivenciam relações sociais que as marginalizam desde a juventude, o que apenas se agrava durante o processo de envelhecimento[16]. Sabemos também que ideias racistas sobre força, resistência ao sofrimento físico e resiliência das mulheres negras podem contribuir para que as idosas negras não buscarem a proteção pública.

A Lei Maria da Penha, que visa proteger as mulheres vítimas de violência doméstica, necessita da implementação da rede de proteção às mulheres atingidas; todavia, as instituições estão impregnadas do racismo institucional[17], o que concorre para mais experiências de negligência e violência institucional, justamente naqueles locais onde deveriam encontrar proteção. Tudo isso pode resultar também na descrença das mulheres idosas negras em procurar as instituições quando vítimas de violência doméstica.

São muitos os obstáculos para que as mulheres negras idosas alcancem a proteção expressa na Lei Maria da Penha. A referida lei representa uma importante ferramenta para a autonomia e a dignidade das mulheres, garantindo os recursos necessários para proteção contra a violência doméstica (denúncia, processo de responsabilização dos agressores e acesso a rede de proteção especializada), mas é essencial que os operadores das políticas públicas e os movimentos sociais considerem as intersecções entre classe, raça/etnia e geração para a implantação de ações de promoção da igualdade de gênero que beneficiem as mulheres de todas as idades e de todas as origens étnico-raciais.

CONCLUSÃO

A trajetória dos temas estudados no núcleo Ivone Lara demostrou que a compreensão da categoria gênero é muito importante para a formação profissional das/os assistentes sociais, pois

[15] Compreendemos violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial, tal qual o artigo 5º da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006).

[16] Quando crianças, essas idosas, tiveram mais dificuldades que as meninas brancas para ingressassem no sistema educacional e lá permanecerem, pois muitas precisaram trabalhar desde as tenras idades para auxiliar a família de origem. Uma vez negras adultas, quando realizaram atividades laborativas, o fizeram em postos de trabalho precários, com salários baixos. E uma vida atravessada pelo racismo foi sendo tecida.

[17] É a oferta de serviços com baixa qualidade (o que inclui comportamento discriminatórios dos profissionais que efetivam o serviço) devido a cor ou origem étnica da pessoa que está solicitando o atendimento.

trata-se de uma categoria transversal para a compreensão das diversas faces da questão social, dentre elas o processo de envelhecimento populacional. É desafiador – e igualmente fundamental – que as/os alunas/os aprendam a pensar os diversos espaços profissionais, a partir dos recortes de gênero e raça/etnia, a fim de garantir que os serviços das políticas públicas caminhem na perspectiva da equidade e da justiça social, princípios éticos que norteiam o trabalho profissional.

Estudar sobre as questões e gênero no processo de envelhecimento brasileiro também é importante porque as mulheres, quando idosas, seguem realizando o essencial papel do trabalho reprodutivo, que mantém a sociedade capitalista em funcionamento, porém, essa mesma sociedade não tem interesse por essas mulheres, especialmente quando negras, o que as coloca na condição de vulnerabilidade social, especialmente para a ocorrência da violência doméstica.

A Lei Maria da Penha, o Estatuto da Pessoa Idosa e as demais legislações que atendem o segmento idoso precisam ser pensadas a partir da interseção entre classe, gênero, raça/etnia e geração, para que os serviços lhes deem concretude e possam contribuir, de fato, para a construção de uma sociedade mais justa e sem nenhum tipo de discriminação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Estatuto da Pessoa Idosa.** Lei nº 10.741, Brasília, DF, 2003.

____. **Lei Maria da Penha**. Lei nº 11.340, Brasília, DF, 2006.

____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Mulheres recebem 19,4% a menos que os homens, aponta 1º relatório de transparência salarial**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Marco/mulheres-recebem-19-4-a-menos-que-os-homens-aponta-1o-relatorio-de-transparencia-salarial>. Acesso em: 22 jun. 2024.

CAMILO, Bruna. **A realidade das mulheres negras idosas em contextos urbanos**. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2020.

CASTRO, Elaine Vargas. Envelhecer nas ruas de São Paulo: a divisão do trabalho, o racismo e a precarização das políticas públicas como determinantes sociais. *In*: XVII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, 2022, Rio de Janeiro, **Anais** [...]. ENPESS. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/enpess-anais/public/arquivos/ 00050.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2022.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ISSN 2965-2499

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo de 2022**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em 25 jun. 2024.

OLIVEIRA, Ilka Custódio de. **Mulheres negras idosas:** a invisibilidade da violência doméstica. 2016. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 146 p.

SÃO PAULO [Cidade]. Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. **Pesquisa censitária da população em situação de rua**: caracterização socioeconômica da população adulta em situação de rua e relatório temático de identificação das necessidades desta população na cidade de São Paulo – 2019. São Paulo, Qualitest, 2019. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiYzM4MDJmNTAtNzhlMi00NzlmLTk4MzYtY2MzN2U5ZDE1YzI3IiwidCI6ImE0ZTA2MDVjLWUzOTUtNDZlYS1iMmE4LThlNjE1NGM5MGUwNyJ9>. Acesso em 26 jun. 2024.

SCHEFFER, Graziela. **Serviço Social e Dona Ivone Lara:** o lado negro e laico da nossa história profissional. Serv. Social e Sociedade, São Paulo, n. 127, p. 476-495, set./dez. 2016.

TEIXEIRA**,** Solange Maria. **Envelhecimento e trabalho no tempo do capital:** implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo. Cortez. 2008.